



A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO IMAGINÁRIO DE UM GRUPO DE DOCENTES DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

Guiomar Dutra Lima¹
Luiz Pinto Fernandes²

RESUMO: Este artigo se propôs identificar, por meio de pesquisa culturanalítica, o imaginário de um grupo de professores, diante da construção do conhecimento de seu alunado, em uma Instituição de Ensino Superior de Luziânia - GO. Foi utilizado no levantamento dos dados míticos do grupo sujeito da pesquisa, o Arquétipo Teste dos Nove Elementos – o AT-9, de Yves Durand e a escuta sensível. Foram colhidas as representações mítico-simbólicas no imaginário do grupo. A análise dos protocolos do AT-9, complementadas com a escuta, revelou a emergência de um imaginário com estrutura polarizada no regime diurno das imagens, mais precisamente na estrutura heróica. Ficou evidente a correspondência da estrutura do imaginário emergida com as falas e posturas dos componentes da equipe de professores.

PALAVRAS-CHAVE: *Imaginário; Conhecimento; Professores.*

¹ Mestre em Gerontologia, Enfermeira, Gestora do UNIDESC (Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro-Oeste).

² Doutor e Mestre em Medicina, Médico, cirurgião vascular. Advogado e especialista em Direito Público e reitor do UNIDESC (Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro-Oeste).

Introdução

Este artigo objetivou evidenciar alguns apontamentos acerca das relações estabelecidas entre educação e construção do conhecimento. Destinou-se conhecer o imaginário de um grupo de professores numa Instituição de Ensino Superior. Conhecer as reações de luta (heroísmo) ou de desânimo (antifrasia), destes profissionais, no desempenho de suas funções. Identificar as imagens representacionais destes profissionais da educação conduz à possibilidade de conhecermos mais profundamente quem são estes profissionais docentes e de como, e em que medida, sua formação continuada deverá se processar para que a atuação competente se realize.

A construção do conhecimento é feita com o outro e não para o outro, portanto, é necessário, rever a comunicação que, separa a emissão da recepção. A educação tradicional reproduz a transmissão do conhecimento, feita de forma repetitiva e cansativa, onde o aluno fica passivo, ouvindo, copiando, devolvendo as aulas recebidas, sendo avaliado ao prestar conta de determinadas tarefas. É preciso refletir criticamente sobre a construção do conhecimento, pois segundo André (2010, p.55), “Existe um consenso na literatura educacional de que a pesquisa é um elemento essencial na formação profissional do Professor”. Entende-se dessa forma que os docentes devem assumir de forma competente e responsável a sua tarefa de ensinar.

Assim sendo, entende-se que a construção do conhecimento deve ser exercida pelo corpo acadêmico da instituição pesquisada que proporciona o conhecimento do ambiente em que se vive podendo-se refletir e projetar um futuro melhor para a comunidade.

Percebemos que somos seres inacabados, quer dizer, estamos sempre buscando novos conhecimentos. O educando necessita de estimulação da consciência reflexiva sobre sua própria realidade. Precisa dialogar dar significado a tudo, compreender sem imposição. Segundo Demo (1998) é importante desenvolver habilidade de renovar o conhecimento através da reconstrução permanente. Portanto, é preciso permitir a formação da consciência criativa e organizar-se em torno da visão imaginária do mundo dos educandos, de forma autentica em busca da transformação social.

A instituição de ensino em estudo, além de ter a missão de contribuir com o desenvolvimento da região, formando profissionais capacitados a buscar e desenvolver o conhecimento, conscientes de sua responsabilidade social e de seu potencial

transformador da realidade, busca a excelência na área do ensino por meio de princípios institucionais como admitir flexibilidade de métodos e critérios para atender a educação integral de seus alunos, as peculiaridades locais e regionais e as alternativas próprias dos projetos pedagógicos.

Diante desse quadro, surge a necessidade de conhecer a estrutura imaginária de seu corpo docente. Entendendo o imaginário como o conjunto das relações de imagens que têm potência organizativa, organiza e subjaz às ações e posturas dos indivíduos e dos grupos. Conhecer as subjacências imagéticas das posturas dos profissionais da equipe de enfermagem do centro universitário propiciou a emergência de dados míticos para que a dimensão simbólica seja considerada na ação de reorganizar a instituição, caso seja esta requerida e aceita.

E com esse pensar Moran (2009, p.11) afirma:

Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, desmotivamo-nos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas.

É preciso refletir as palavras do autor referido, quando ele afirma que ensinar e aprender são os maiores desafios que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento.

Tal procedimento envolve auscultar as pulsões interiores destes profissionais contaminados, simbiotizados com as pressões recalcadoras sofridas pelos mesmos, no micro grupo institucional, no momento e ao longo da vida profissional e pessoal, o que significa conforme G. Durand (1989, P.29) tocar o “Trajeto Antropológico”, ou seja, a incessante troca que existe no nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social.

O ambiente do centro universitário foi o contexto onde a pesquisa foi realizada, e o fato desses professores lecionarem regularmente nos fez questionar qual seria o imaginário destes profissionais que mais convivem com o ensino, onde a maioria dos alunos são moradores da região, isto é possuem suas peculiaridades, suas características comuns.

É comum que muitos profissionais docentes, acostumados com a metodologia

tradicional, ao se depararem com a metodologia qualitativa utilizada na instituição, se desliguem da mesma. Sabe-se que o a metodologia de ensino de dividem em dois pólos: a qualitativa e a quantitativa, ambas sendo importantíssimas, porem o que se quis compreender melhor é o modo como as pessoas envolvidas no ensino aos alunos com grande carência de um ensino de qualidade, percebem agem e reagem diante da metodologia abraçada. Este fato exige reflexão e profundidade, o que justificou esta investigação.

Mesmo valorizando a atenção docente positivista dispensada aos estudantes, a dúvida perpassa a situação: estará a equipe docente preocupada com o desenvolvimento do estudante ou apenas com a garantia de seu emprego? Sem resposta a questão perde o sentido quando o sucesso acontece, o ensino ocorre, mesmo que a duras penas, sem a reflexão, conhecimento ou o consentimento do mais interessado, o dito comumente, “aluno”.

Atualmente, o que mais se ouve é que os professores não foram preparados suficientemente para o ensino, e que não compreendem a singularidade de alguns alunos. Neste sentido Moran (2009, p.13), lembra que:

(...) é preciso ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional, do seu projeto de vida, no desenvolvimento de habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais e tornarem-se cidadãos realizados e produtivos.

A partir desta reflexão, surgiram questões relativas ao entendimento peculiar destes profissionais do ensino, do atendimento e da atenção ao aluno, entendimento do professor que lida freqüentemente com as dificuldades de aprendizagem, no sentido de buscar neles, na sua voz direta o sentido do ensino em sua polaridade imaginária e metodológica.

Masetto, (2009) observa que é preciso criar um clima de mútuo respeito para com professores e alunos, dar ênfase em estratégias cooperativas de aprendizagem, estabelecer confiança mútua, envolver os aprendizes num planejamento em conjunto de métodos e direções curriculares com base no diagnóstico de suas próprias necessidades.

Estratégias sim são possíveis de serem adotadas uma vez que o fenômeno somente poderá ser tocado de forma indireta, na presença fora de mim, no outro. Daí a utilização do teste projetivo AT-9 – Arquétipo Teste dos nove elementos, e da escuta

sensível e direcionada a ouvir os detalhes além do aparente mostrado.

Há uma necessidade de que profissionais de ensino adotem um novo olhar sobre o evento didático, que já se difunde lentamente. É preciso que vejam e entendam a educação em seus diferentes aspectos e que sintam as criaturas que nela estão envolvidas no processo do crescimento intelectual, como pessoas com sensibilidades psíquicas que precisam e tem o direito de serem escutadas.

Estes pronunciamentos precisam ser ouvidos no respeito humano dos que facilitam seu aprendizado. Esta atitude será sentida como o amparo da presença que lhe passará a sensação da confiança.

A experiência pessoal, como docente, relativa ao modo como o profissional do ensino superior vivencia a aprendizagem, causou um interesse que mereceu ser investigado. Tal fato levou a refletir sobre a razão pela qual, durante o envolvimento e preocupação com o ensino, muitas vezes se descuide do olhar holístico, quer dizer de considerar a complexidade do todo.

Às vezes deixa-se de facilitar o processo educacional, por não perceber as limitações e necessidade de apoio cultural e emocional e que para conseguir trabalhar, alguns profissionais docentes minimizam a sua capacidade de percepção da fragilidade e temores sentidos pelo estudante.

Os mecanismos de defesa protegem o professor diante de fracassos do aprendizado. Para alguns dos sujeitos da referida investigação, parece que a construção do conhecimento não é considerada, mas é vista como: o transmitir, o decorar e devolver conhecimento mediante a resolução das provas. Esta foi a interpretação de algumas das respostas confessada pelos sujeitos da pesquisa; é o que esse profissional se permite pensar sobre a construção do conhecimento. Ele foi instruído para pensar assim.

Ao recordar experiências vivenciadas enquanto estudante, a motivação, foi-me despertada para escrever o presente trabalho, e então foi decidida a temática deste artigo, exigido no Programa de Pós-graduação – Docência do Ensino Superior do Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro-Oeste - UNIDESC: A construção do conhecimento no imaginário de um grupo de docentes de uma instituição de ensino superior.

Atualmente, muitas unidades de ensino superior são verdadeiras empresas lucrativas. Segundo Moran (2009, p.12): “ensinar e aprender são os desafios maiores

que enfrentamos em todas as épocas”. Matricula-se e forma-se nas faculdades, tidas como adequadas, pois afinal de contas elas cabem no orçamento de cada um. Esta formatura será vista como a oportunidade de ir para o campo de trabalho, não havendo preocupação quanto à qualidade do ensino. Lampert (2010) observa que:

“(...) os discentes oriundos de diferentes classes sociais, com peculiaridades variadas, com experiências e estilos de vida diferenciados, em que a heterogeneidade predomina, buscam um diploma, que já está bastante desvalorizado como condição de competir no mercado de trabalho”.

A situação do estudante em um local onde sua “formatura” é vista como o centro das atenções institucionais, onde ele passa a ser apenas um elemento a mais naquela instituição, um ser que perdeu autonomia e subjetividade, refém de professores que o tratam como um depositário de conteúdos lecionados, tarefas e provas regulares.

As provas são corrigidas minuciosamente, onde é calculada a real porcentagem de acertos e erros de forma fragmentada, que, imprópria ou desumanamente a nota é anunciada diante da turma, mas a atenção esperada pelo ser humano, o estudante que ali está impotente, fragilizado por não ter conseguido a média esperada nem sempre acontece, e como bons seguidores de Descartes, defensores da lógica objetiva, destacam que os cálculos das notas foram feitos “cuidadosamente”.

Lampert (2010) lembra que com a expansão do ensino universitário, que tem declinado em praticamente todo o mundo, principalmente nos países emergentes, nem sempre são acompanhados da qualidade de ensino e conseqüentemente o aluno é reprovado. Essa reprovação será vista como fracasso do aluno que não conseguiu alcançar a média requerida.

Quais são as imagens - que relacionadas entre si “pacotes com significações” (DURAND, 1989) formam uma constelação de imagens, um micro universo mítico, o imaginário destes docentes? Qual é a estrutura do imaginário destes educadores? Considera-se, à luz da teoria do imaginário de G. Durand, que se por um lado estes profissionais sofrem a pressão do meio, em uma IES, por outro lado, seus desejos e aspirações pessoais – pulsões vitais, latências internas e particulares precisam ser consideradas. Esta consideração de pólo interno e externo, de latências e potências, na sua simbiose dinâmica, é, como já foi dito o que G. Durand denomina: “Trajeto Antropológico”. É neste transitar dinâmico de pressões e pulsões, no “trajeto

antropológico”, que encontraremos os “exames de imagens” (DURAND, 1989, p.29).

As imagens são aglutinadas em um ou outro nó aglutinador, energia psíquica que tende a girar em torno do regime diurno ou noturno, expressando assim a estrutura imaginária.

As imagens representacionais podem remeter a presença heróica, evidenciando a estrutura esquizomórfica; eufemizando os problemas e trazendo à tona uma estrutura mística, antifrásica, ou ainda transitando de um ao outro nó simultânea ou diacronicamente, deixando ver uma estrutura sintética, disseminatória ou dramática, conforme Loureiro (2004, p. 16): “Do patente ao latente, transduzido pelo emergente, chega-se às profundezas do imaginário, às paisagens mentais”. A pretensão é desenhar, com os dados míticos a obter, a paisagem mental, conhecer o universo mítico do grupo sujeito.

Identificar as representações imagético-simbólicas – o imaginário - de um grupo de docentes, notadamente diante do ensino de uma turma de discentes, em uma Instituição de Ensino Superior - IES, com vistas à possível reorganização da instituição, se requerida, na busca de uma melhor qualidade de ensino.

APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa qualitativa amplia e articula a realidade social. Minayo (2006) comenta que sempre existiu a polêmica entre a abordagem quantitativa que busca medidas como critério de cientificidade, enquanto que na qualitativa se pesquisa a compreensão dos significados no contexto da fala, onde o pesquisador tenta ultrapassar o alcance descritivo da mensagem, na intenção de atingir uma interpretação mais profunda.

E assim realiza-se um estudo de orientação qualitativa. Foram buscados os significados e os significantes que os participantes dão a esse momento, a essa realidade vivida e atual, representada em seus desenhos e na sua fala, escrita e oral, no protocolo do teste AT -9.

Os sujeitos desta pesquisa são docentes que compõem a equipe de ensino da IES – Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro-Oeste - UNIDESC. São compostos por homens e mulheres, que possuem a formação de especialização,

mestrado e doutorado. O tempo de atuação do grupo nesta IES varia de 2 meses a 1 ano e meio.

O critério de seleção dos sujeitos da pesquisa deveu-se ao fato de pertencerem a equipe de docentes da instituição em pauta e que lidam com o ensino superior. Descartou-se, portanto, funcionários da área operacional e administrativa.

Os sujeitos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e realizaram o teste AT-9. Os protocolos realizados pelos sujeitos foram analisados conforme as teorias de base do mesmo.

O Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro Oeste – UNIDESC, com sede no município de Luziânia- GO, está situado em uma região que faz fronteira com as cidades de Valparaíso de Goiás e Cidade Ocidental, municípios pertencentes ao Estado de Goiás e a Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno – RIDE.

Para alcançar o objetivo proposto, optou-se por uma abordagem qualitativa culturanalítica com a aplicação do teste AT-9 de Yves Durand (1988), que tem como base os arquétipos para estimular o ato criativo, e dessa forma exprimir o inconsciente do sujeito e grupo pesquisado. Utilizou-se também o registro das falas dos docentes referentes à postura, comportamento e narrações de eventos relacionados à metodologia de ensino. Yves Durand criou o AT-9, a partir da teoria do Imaginário de Gilbert Durand.

O que se quer com a utilização deste instrumento - AT-9 - é a “obtenção de fatos simbólicos materializados por uma imagem (desenho) e um sentido – (discurso)”.

Segundo Durand (1988) o AT-9 constitui um instrumento experimental para validar a teoria antropológica do imaginário, relacionada à existência das estruturas do imaginário de Gilbert Durand.

A TEORIA DO IMAGINÁRIO DE GILBERT DURAND

Gilbert Durand (1989, p.14) define imaginário como: “O conjunto das relações de imagens que constituem o capital pensado do *homo-sapiens*”. Enquanto que símbolo é a representação concreta com sentido secreto e o mito é definido como um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e *schèmes* que tende a se compor em relato, ou seja,

que se apresenta sob a forma de história (PITTA, 2005: 18). Sobre o mito Durand (2008: 270) destaca que “Os valores, os costumes, os ritos, os mitos, as lendas e histórias, enfim, toda a tradição ressurgem no próprio interior da antropologia”. E assim com base nas idéias de Lima (2009, p. 38) exposto em sua dissertação de Mestrado, onde explicita que:

Imaginário é a capacidade individual e coletiva de dar sentido ao mundo, são imagens que dão significado a tudo o que existe. Modifica-se a aparência do corpo por meio de roupas, corte de cabelos, bijuterias, tatuagens e costumes, rituais, alimentos regionais, enfim tudo em nome da cultura de cada região do mundo.

Essa teoria foi construída e apresentada por meio da obra “As estruturas antropológicas do imaginário – introdução à arquetipologia geral (...)” (1989). Explicita que o ser humano é dotado de uma extensa capacidade de formar símbolos em sua vida sócio-cultural.

Durand (1989) registra que por meio de uma troca incessante entre as pulsões subjetivas e as intimações objetivas se processa o trajeto antropológico. Explicita que esse trajeto é representado por um objeto que se deixa moldar com a reversibilidade dos imperativos pulsionais do sujeito; a este trajeto, Durand (1989) denomina “trajeto antropológico”; é neste caminhar reversível de dentro/interior para fora/exterior e de fora/exterior para dentro/interior, que se instala a investigação antropológica.

OS REGIMES DIURNOS DAS IMAGENS

Gilbert Durand coloca as imagens em três estruturas que por sua vez pertencem a um dos dois Regimes de imagens: o Regime diurno e o Regime Noturno.

O Regime diurno é definido como o regime da antítese, ou seja, uma oposição entre palavras ou idéias, havendo uma constelação de imagens que giram em torno do termo luz-trevas.

A partir daí o regime diurno se divide em duas grandes partes antitéticas:

A primeira dedicada às trevas (escuridão) e simbolizada pelo monstro que se isomorfiza (transforma) na própria morte, ao ponto extremo do regime noturno. Consagrada ao fundo das trevas sobre a qual se desenha o brilho vitorioso da luz. A segunda manifestando a reconquista antitética e metódica das valorizações negativas da primeira (DURAND, 1989, p. 49).

Sendo assim é fácil reconhecer que este regime corresponde ao comportamento representado no ocidente, à riqueza da expressão filosófica de Platão e a racionalidade típica de Descartes com seu raciocínio analítico e pesquisas biológicas separadoras e, portanto os traços estruturais típicos que se constela em torno do imóvel, do sólido, do rígido, o pensamento sistemático nos sentimentos e aprendizado imediato.

A consciência heróica rejeita com horror e aversão a mulher e o outro, com a característica de cortar clara e nitidamente, distinguir e atualizar as estruturas esquizomórficas que fazem do regime diurno um verdadeiro regime da antítese.

O REGIME NOTURNO DAS IMAGENS

O Regime noturno, uma inversão dos valores simbólicos, pleno de eufemismo, tem função de unir e harmonizar. É composto pelas estruturas mística e sintética.

ESTRUTURA MÍSTICA OU ANTIFRÁSICA

A estrutura mística ou antifrásica implica as matérias de profundidade: a água ou a terra cavernosa, utensílios continentais, taças e os cofres. É constituída por conversão e eufemismo; formada pela idéia de acomodação, aconchego, recipiente, envolvimento e ligação às imagens familiares e aconchegantes.

Em muitas situações utiliza os mesmos termos do regime da antítese, mudando gradativamente a sua significação. A pureza utilizada na esquizomorfia que significa ruptura e separação passa a simbolizar a ingenuidade. A eufemização ocorre lentamente por etapas sendo o resultado da anastomose da antífrase com a antítese.

E as constelações mudam a direção do que antes se dirigia até o alto, agora mergulha na profundidade, desaprendendo o medo, mas conservando ainda o entusiasmo ascensional. A figura masculina, soberana será pouco a pouco substituída por símbolos femininos, da intimidade, do continente, da deglutição, pois é preciso tranquilizar essa descida e impedir que a mesma se transforme em queda (DURAND, 1989).

A água clara e límpida inverte-se sob a influência de constelações noturnas e torna-se

colorida e espessa, próxima do sangue menstrual, e surge então a mulher com enfeites coloridos reabilitando a carne e o seu cortejo de cabeleiras, véus e espelhos (DURAND, 1989, p.163).

A estrutura mística é, portanto ligada à miniaturização e *gulliverização*, isto é enxerga amplamente o conjunto harmônico de respostas e isomorfismo das interpretações, oposta às características da esquizofrenia, caracterizada pela estrutura esquizomórfica (DURAND, 1989). Há dessa forma uma reviravolta nos valores e o que for inferior passa a ser superior e vice-versa de forma a privilegiar o continente, derrubar os hábitos diurnos e primar o noturno, valorizando os sentimentos humanos.

ESTRUTURA SINTÉTICA/DISSEMINATÓRIA

A estrutura sintética/disseminatória representada por gestos rítmicos como na sexualidade, pela roda, a vasilha onde se bate a manteiga e o isqueiro que simboliza as intenções de luta e de aconchego. A estrutura sintética ou dramática sendo mais tarde chamada de disseminatória, por Durand (1989) - pode conter imagens que, ao mesmo tempo, expressam as duas outras estruturas (heróica e mística), promovendo assim a síntese, a transformação e a ciclicidade, em que as imagens ligam-se às dominantes: sexual e digestiva.

É com esse pensar que se reconhece que é preciso ter um conhecimento capaz de religar todos os elementos separados pelo regime da antítese, num pensamento que englobe os diversos saberes, as diversas culturas, hábitos religiosos e costumes que caracterizam o imaginário, enquanto que o conhecimento científico é conhecer por conhecer. O Imaginário, o que dinamiza o pensamento do ser humano, é polarizado por dois pólos antagonistas, em redor dos quais gravitam as imagens, os mitos, os devaneios e os poemas dos homens. É importante lembrarmos que uma ciência sem consciência, sem afirmação mítica, eliminaria para sempre as civilizações.

Como vimos o regime diurno representado pela estrutura heróica rejeita a mulher e o outro. Durand (1989, p.184) em suas palavras lembra que esta estrutura apresenta características de hostilidade ao repouso e à profundidade. Destaca-se pela superficialidade, secura, nitidez, pobreza, vertigem, iluminação e fome, ou seja, as atitudes diáiréticas e antitéticas. A estrutura mística que simboliza os esquemas da intimidade e profundidade. Age em nome da negação dupla diante de um momento

negativo, ou seja, diante da morte, sonha com o bem-estar e não com conquistas. E quanto à estrutura sintética, esta apresenta atitudes que valorizam a noite que antecede o dia.

RESULTADOS

REPRESENTAÇÕES, FUNÇÕES E SIMBOLISMOS DOS ELEMENTOS

Durante entrevista com alguns docentes da IES em estudo, pôde-se colher respostas variadas que direcionavam em sua maioria para o regime diurno das imagens. Após explicitação preliminar acerca da aplicação do AT-9, e respostas dadas durante as entrevistas, pôde-se perceber “a relva crescer” conforme expressão utilizada por Maffezoli (1989), enfim, colher o imperceptível.

Os docentes entrevistados, quando perguntados sobre como se adquire o conhecimento e qual seria sua reação diante de uma nota insatisfatória de um de seus alunos, relataram diferentes respostas, que mostraram em sua maioria a não adaptação ao método adotado pela IES em estudo, ou seja, o método qualitativo, conforme a análise de alguns dos protocolos:

Docente 1:

Sobre sua reação diante de uma nota insatisfatória, relatou que:

“... primeiramente, se for somente um aluno, não tenho muito a lamentar, pois verifico que o mesmo é que realizou a sua reprovação.”

“A gente tem que ser firme e exigente e não demonstrar fragilidade na frente de aluno, senão...”

Neste discurso percebe-se uma forma de bloquear e minimizar qualquer sentimento de culpa, mas projeta-se no outro. Há estímulo à impessoalidade, ao distanciamento por parte de quem trabalha na instituição, aos sentimentos mais comuns para essa realidade, como o sentimento de não ter conseguido atingir o objetivo maior que é o de ensinar.

A reação diante da nota insatisfatória de um de seus alunos é vista por esse docente entrevistado como algo em que somente o aluno é o responsável e que é preciso ser impessoal e frio para o bom desempenho de suas atividades profissionais.

Há a cultura de que o bom professor não deve se envolver emocionalmente. O

costume e a instrução fazem subestimar a preocupação com o aluno com dificuldades de aprendizagem.

Quando este docente fala que se deve ser firme e exigente e não demonstrar fragilidade na frente do aluno, nem demonstrar seus sentimentos, configura falta de humanidade ou talvez, até mesmo, uma personalidade sádica; o despreparo da equipe docente para lidar com o alunado.

Os profissionais docentes são ensinados a comandar, exigir, ordenar, cobrar tarefas, mas não são orientados a compreender, rever seus métodos e buscar novas estratégias, conforme se verifica em alguns fragmentos de expressões:

Docente 5:

“Sinto um misto de tristeza por não ter conseguido recuperá-lo, mas ao mesmo tempo de raiva, por ele não ter aproveitado as chances de recuperação”.

Docente 6:

“(...) sinto-me incompetente por não ter sido capaz de transmitir um determinado conhecimento assimilável pelo educando...”

Docente 9:

“(...) estudando...”.

Ao responder a questão sobre a nota insatisfatória de um de seus alunos respondeu:

“... decepção com a turma por não terem se esforçado o suficiente...”

Docente 11:

“Sinto frustração. Penso que deveria ter feito mais...”

Como vimos, em relação às análises dos protocolos, torna-se fácil reconhecer que a diversidade imaginária emergida, surge após haver um trajeto antropológico individual cultivado ao longo da vida por meio de pulsões simbiotizadas, adquiridas, desenvolvidas de maneira única.

Existe o desenvolvimento de mecanismos de defesa no ambiente institucional. Afinal isso poderia significar que o docente, sujeito da pesquisa, “não tem a devida capacidade de transmitir conhecimentos”, como se isso fosse o mais importante e não facilitar a construção do conhecimento do estudante.

Dessa forma pode-se dizer que o resultado desta pesquisa pode sugerir que este é o panorama de profissionais docentes. Apresentou tendência para o regime diurno das imagens.

O conhecimento do imaginário da equipe de professores vai propiciar a capacidade de potência organizativa, que organiza e subjaz às ações e posturas dos indivíduos e dos grupos. Conhecer as subjacências imagéticas das posturas dos profissionais da equipe de professores da IES propiciou dados míticos para que a dimensão simbólica seja considerada. Nas observações das representações desenhadas, ditas e escritas em imagens realizadas pelos sujeitos-autores do teste, das funções e dos simbolismos a cada um dos protocolos do Arquétipo Teste de nove elementos, estabeleceu-se a análise estrutural proposta por Yves Durand (1988:82-83):

A polarização mítica e sua orientação temática positiva ou negativa, a integração estrutural, a organização das polarizações, a elaboração discursiva, vão definir a partir do desenho e do discurso o tema existencial e/ ou simbólico, veiculado pelo sujeito-autor da ação.

A análise como um todo emergiu no imaginário polarizado no regime noturno das imagens, mais precisamente na estrutura sintética. O monstro e a espada estão ausentes no protocolo 2,4 e 5. No protocolo 11 o monstro está caricaturado, e a espada é representada pictoricamente como enfeite do barco. Porém no protocolo 1, 3,10 e 12 há vitória sobre o monstro. E por fim nos protocolos 6,8 e 9, estão presentes os elementos diurno e noturno, o que caracteriza por um imaginário com estrutura sintética.

Apresenta-se, portanto o desempenho da fantástica transcendental, o imaginário de um grupo de docentes diante de uma nota insatisfatória de um de seus alunos em uma instituição de Ensino Superior – IES de Luziânia – GO. A pesquisa foi realizada no ambiente da IES, onde se questionou: qual seria o imaginário dos profissionais docentes, que mais convivem com alunos em dificuldade de alcançar a nota satisfatória. Reafirma-se assim que se trata de um grupo de docentes que lutam contra o pré-estabelecido, ou seja, a nota insuficiente. Utiliza-se o mecanismo de defesa para justificar a nota insatisfatória de seu alunado.

As imagens levantadas no estudo em questão por meio do AT-9 apresentam respostas arquetípicas, que direcionam a compreensão de sua forma de pensar, agir e sentir, ou seja, sua forma de carregar o mundo, entre as pulsões subjetivas desses sujeitos e as intimações objetivas que daí emergem do meio cósmico e social.

Considerações Finais

Por meio da observação, coleta de dados, análise dos testes e obtenção de resultados da pesquisa, concluiu-se que os docentes da Instituição de Ensino Superior, situado em Luziânia – GO apresentam uma tendência para a estrutura sintética da referida teoria.

O estudo apontou que diante da nota insatisfatória de um de seus alunos, o docente desenvolve um mecanismo de enfrentamento que o impede de se permitir se sentir responsável pelo fato. Por outro lado existe a estratégia da adaptação à produtividade, com a justificativa de falta de tempo, pois para conseguir trabalhar, sublima as sua capacidade de empatia. Conforme Pligher (2009, p. 65):

“... criatividade não é uma habilidade muito estimada em nossa sociedade, já que a cultura ocidental valoriza muito mais o pensamento convergente do que o divergente, o que certamente se acentua nos meios jurídicos, onde a mediação tem crescido de forma contundente”.

É importante lembrar que ao se utilizar a teoria do Imaginário de Gilbert Durand, foi propiciado conhecer o imaginário desses profissionais, e espera-se contribuir para a produção de um conhecimento que possibilite o desenvolvimento de práticas holísticas, reflexivas e capazes de subsidiar a as aulas prestadas por esses docentes, além de construir um conhecimento compartilhado.

15

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores.** São Paulo: Papirus, 2010

BACHELARD, G. **A poética do espaço.** Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

DESCARTES, R. **Discurso do Método** Trad: Pietro Nassetti – São Paulo – SP. Martin Claret – 2000.

DONATELLI, M.C.O.F. Descartes e os médicos. **Revista Scientle Studia**, Vol. 1, nº 3, 2003. p. 323-36.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad.: Hélder Godinho. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. Trad.: Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo – USP, 1988.

DURAND, G. **Ciência do homem e tradição – O novo espírito antropológico**. Trad.: Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 2008.

DURAND, Y. **L'exploration de l'imaginaire**: introduction à la modélisation des univers mytiques. Paris: l'Espace Bleu, 1988.

LOUREIRO, A.M.L. (Org.). **O velho e o aprendiz**: o imaginário em experiências com o AT-9. São Paulo: Zouk, 2004a.

LIMA, G.D. **A morte do idoso institucionalizado no imaginário de um grupo de profissionais da equipe de enfermagem de uma instituição de longa permanência para idosos – ILPI - do DF**. 129f. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Brasília – UCB. Brasília, 2009.

MAFFESOLI, M. **O Conhecimento comum**. São Paulo. Brasiliense, 1989.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2006.

PITTA, D. P. R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

PLIGHER, S. **Mediação de conflitos e criatividade: uma parceria necessária.** IN:
Giglio Z.G.Wechsler S. M., BRAGOTTO, D. **Da criatividade à inovação.** São Paulo:
Papyrus, 2009.